

ŞÁNGÒ

JUANA ELBEIN DOS SANTOS
E DEOSCOREDES MAXIMILIANO
DOS SANTOS MESTRE DIDI ASIPA

JUANA ELBEIN DOS SANTOS

DOUTORA EM ETNOLOGIA SORBONE PARIS V
COORDENADORA NACIONAL DA COMUNITATES
MUNDI SECNEB - SOCIEDADE DE ESTUDOS DAS
DIVERSIDADES CULTURAIS

EJÌDÉ ELEFUNDÉ DO ILÉ AŞÍPA OLÚKÒTUN
SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA DO CULTO
AOS ANCESTRAIS, EGÚNGÚN.

DEOSCOREDES MAXIMILIANO DOS SANTOS

MESTRE DIDI AŞÍPA
ALÁÀPIN'NI AŞÍPA OLÚKÒTUN
ÀSOGBÁ OBALUAYÉ

FUNDADOR DO ILÉ ASÍPA
SOCIEDADE CULTURAL
E RELIGIOSA
TRANSATLÂNTICA
DO CULTO AOS ANCESTRAIS

Apoio Financeiro

Fundo de cultura

SECRETARIA DA
FAZENDA

SECRETARIA DE
CULTURA

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO

ŞÁNGÒ

ŞÁNGÒ

© 2016. JUANA ELBEIN DOS SANTOS E DEOSCOREDES MAXIMILIANO DOS SANTOS, MESTRE DIDI AŞIPA
A CONCEPÇÃO EDITORIAL E O CONTEÚDO DESTES LIVROS SĂO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À
CORRUPIO EDIÇÕES E PROMOÇÕES CULTURAIS LTDA.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DO TODO E DE PARTES, SOB QUALQUER FORMA E MEIO, SEM A AUTORIZAÇÃO EXPRESSA
DOS AUTORES E DA EDITORA.

COM O APOIO FINANCEIRO DO FUNDO DE CULTURA DO GOVERNO DA BAHIA

CURADORIA EDITORIAL E CONSULTORIA: SECNEB - SOCIEDADE
DE ESTUDOS DA CULTURA E DAS DIVERSIDADES CULTURAIS



EDITOR: ARLETE SOARES

EDITOR EXECUTIVO: RINA ANGULO

CONSULTORIA EDITORIAL: BETE CAPINAN

SECRETARIA: ROSANA STEFANY MARTINS

REVISÃO: A PEDIDO DA AUTORA FOI RESPEITADA A ORTOGRAFIA DEFINIDA POR ELA

FOTOGRAFIAS: JUANA ELBEIN (PÁG. 66 Anotação manuscrita, feita pela autora, em espanhol, durante pesquisa de campo.) MAYRA LINS (PÁG. 27 Criação digitalizada sobre foto preto e branco.) PIERRE VERGER (PÁG. 06 Sacerdote de Şángò, com penteado característico, em Őyó/Nigéria. PÁG. 12 Sacerdote de Şángò dança portando indumentária característica do òrişà na África: abala banté, em Ifanhim/Benin. PÁG. 43 Şángò, portando o oşé, o duplo machado, emblema do òrişà, durante cerimônia em Saketé/Benin. PÁG. 44 Um Odó da Bahia/Brasil. PÁG. 48 Rio Őşun, que atravessa a província de Ibadan, na Nigéria.) PÁG. 42 Şángò, portando o oşé, o duplo machado, símbolo do òrişà.

Santos, Juana Elbein dos

S237 Şángò / Juana Elbein dos Santos; Deoscoredes Maximiliano dos Santos (Mestre Didi Aşipa). Salvador : Corrupio, 2016.

76 p.: il.

ISBN: 978-85-86551-49-9

1. Religião e literatura. 2. Ritos e cerimônias. 3. Şángò (Orixá).

I. Santos, Deoscoredes Maximiliano dos (Didi Aşipa, Mestre), 1917-2013.

II .Título.

CDD – 299.67

Kaô Kabiesilê!

Saudando a Şángò e com muita alegria, a Editora **Corrupio** conclui o projeto de publicação da coletânea em três volumes de textos de Deoscoredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi, e Juana Elbein dos Santos, que contou com o apoio do Fundo de Cultura do Governo do Estado da Bahia.

Muitas ainda foram as contribuições para que este trabalho resultasse em livros, realizados com muito esmero. Gostaríamos de deixar registrada a participação de Cida Nóbrega, como editora da coletânea, que, desde o início do projeto, se empenhou com afinco e dedicação para que o mesmo acontecesse.

O projeto foi iniciado com a publicação do livro **Èsù**, em português, inglês e iorubá. Segundo os autores, o orixá Exu foi escolhido em razão de sua importância como princípio básico e dinâmico em que repousa a própria existência do *religare*, visão de mundo, ancestralidade e liturgia nagôs. Os aspectos fundamentais de Exu são examinados, definida sua natureza íntima, sua natureza mítica, seu papel e seu significado simbólico em relação aos outros orixás e à própria dinâmica da cultura nagô.

O segundo volume, *Arte Sacra e rituais da África Ocidental no Brasil*, é resultado de detalhada pesquisa empreendida pelos autores na África, sobre as origens africanas da cultura jeje-nagô e suas formas de arte intrinsecamente contextualizadas na ancestralidade e no panteão dos orixás.

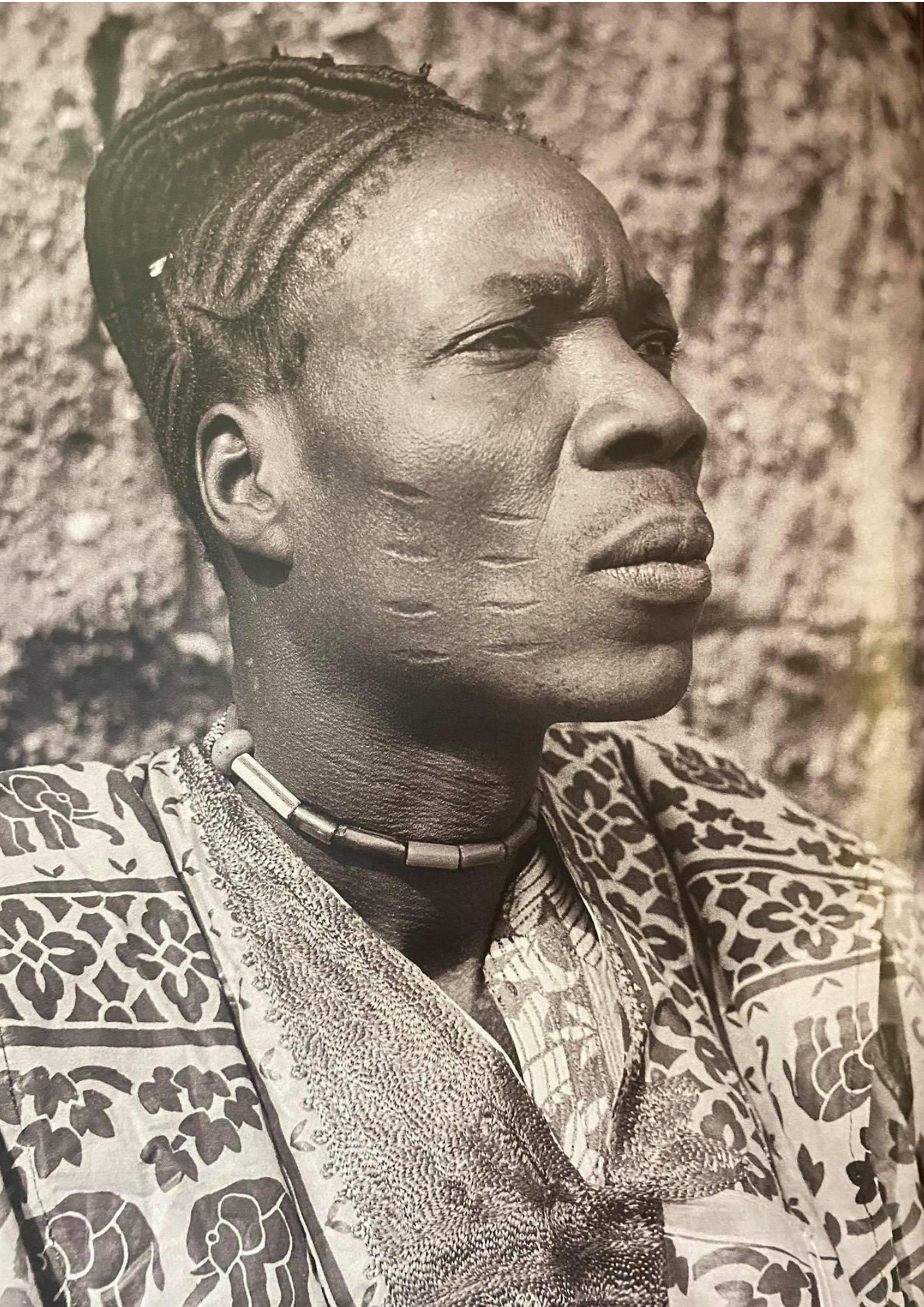
Neste terceiro volume, **Şángò**, os autores homenageiam e reverenciam a entidade mítica que presentifica uma recriada continuidade transatlântica da civilização africana no Brasil. Na edição deste volume, a Editora **Corrupio**, embora salvasse as normas da língua portuguesa e de edição de livros, atendeu aos pedidos da autora para que fosse mantida a paginação sugerida e algumas outras idiossincrasias.

Há 35 anos, a Editora **Corrupio** se destaca no mercado editorial brasileiro por publicar livros fundamentais de antropologia. O padrão gráfico e o esmero do nosso trabalho nos colocam como referência em publicações que tratam dos temas da cultura afro-brasileira.

Com a publicação desta coletânea, esperamos contribuir para o conhecimento de universo fundamental para os estudiosos e, quiçá, para os fiéis dos orixás.

E deixamos registrado, nesta oportunidade, nosso carinho e homenagem à memória de Mestre Didi, que, ao longo dos anos de estreita e cordial convivência, nos proporcionou a alegria de ter seus livros em nosso catálogo.

Arlete Soares



Sángò, herói mítico e dinástico, extrapola a visão de mundo Nágò para projetar-se na transcendente presentificação da própria virilidade; presentifica a continuidade do ancestral vigor de ressurgência.

Òjíşẹ, mensageiro-ministro de Ólórún, sua virilidade garante a continuidade do existir.

Sou uma daquelas
pessoas que
precisam confiar
em uma utopia
para poder viver.
Esta utopia é
acreditar que o ser
humano é viável.

Colocar a autoria dessas reflexões em nome de **Didi** e no meu, em plural, emerge de minha profunda convicção de que, sem haver compartilhado nossas vidas, estas considerações nunca teriam existência.

Palavras, estilo, a própria escrita e organização dos textos, resultam do fato de que, apesar de fluente, o português não é minha língua de origem, mas o ídiche da Pomerânia, *genesis* das línguas germânicas.

Didi, esposo e coautor, teve a generosidade e a nobreza de concordar em que seja mantida minha idiossincrasia linguística.

Todos os escritos estão permeados por palavras Nágò, pois não poderíamos traduzi-las em nenhum outro idioma, sem trair seu profundo legado civilizatório. Assim tentamos aproximar-nos, rodeá-los, procurando não ferir, dicotomizar a sua continuidade, transportadora dos princípios inaugurais.

Com a finalidade de destacar a forte influência da língua Nágò no português cotidiano da Bahia, estamos ortografando-as com os sinais diacríticos, acompanhando as sugestões do linguista Abraham, conforme recomendara desde 1958.¹

Com duas exceções:

Abraham: **ó** / Şóngò, ìbòdàn

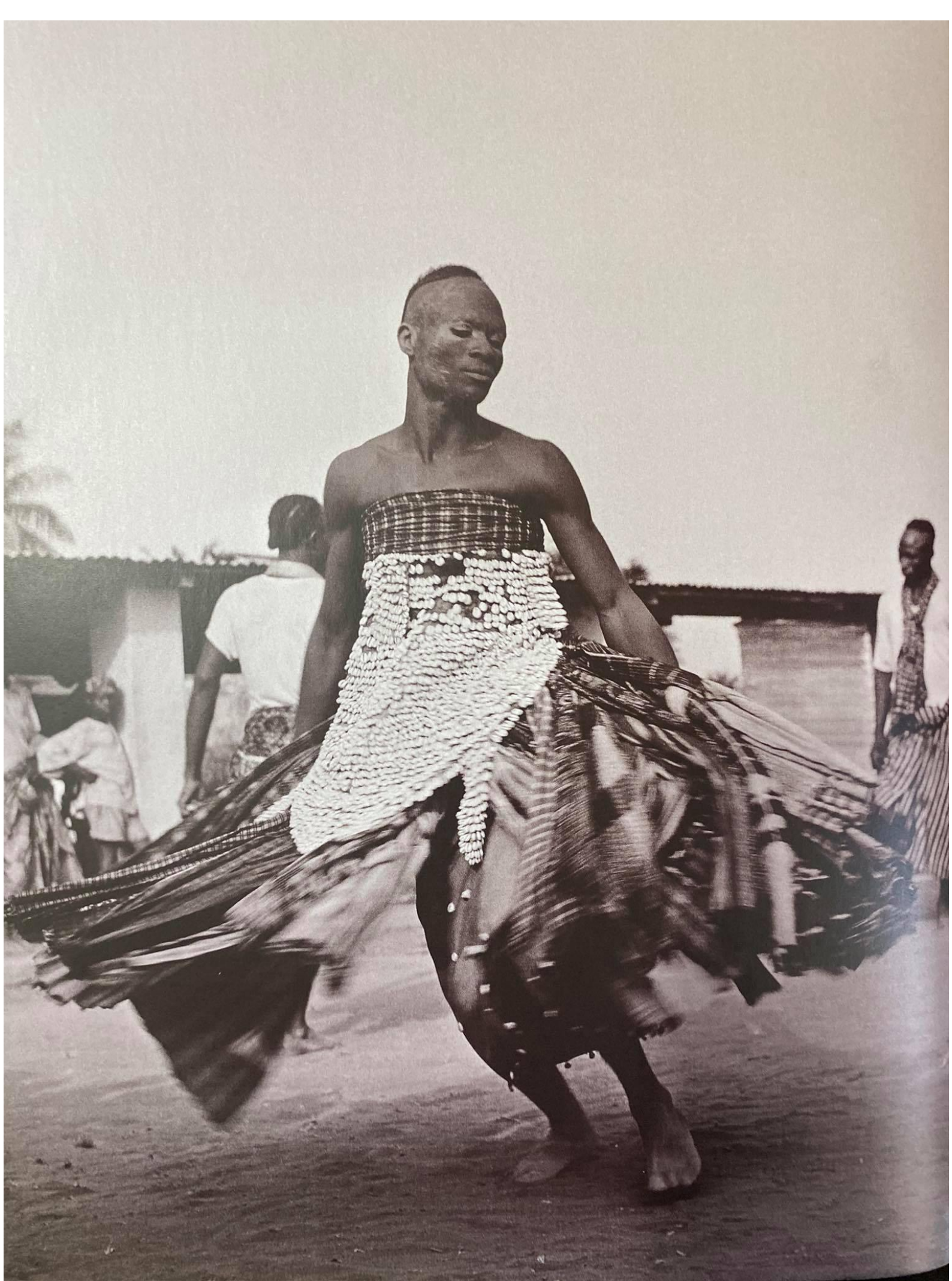
Nágò: **a** / Şángò, ìbàdàn

¹ *R C Abraham, Dictionary of modern Yoruba. London: University of London Press, 1958.*

² *A Dictionary of the Yoruba Language. Ibadan: University Press Limited. 1985.*

A denominação Yòrùbá era totalmente desconhecida no Brasil, só chegou com o dicionário de Abraham e, posteriormente, com *A Dictionary of the Yoruba Language*.²

O Nágò é uma língua aglutinante. Ex: ekodidẹ = ekodeḡ: pena vermelha de papagaio.



Èşù foi a primeira paixão. O principio dinâmico, sem o qual nada acontece, nada anda, como me revelara uma antiga senhora, iniciada nos meandros da ancestralidade Nágò; Èşù é um escravo... Èşù, principio dinâmico, movimenta o devir atemporal dos princípios inaugurais e o próprio processo da continuidade africano-brasileira.

Şángò.

Ka wò ká biyè sile!

Kaó Kabièsile! – Modo aglutinante.

Não poderia nomeá-lo sem homenageá-lo.

Kaó Kabièsile! Oríkì, poema, conforme a autora, “janela condutora à atemporalidade inaugural”.

Kaó Kabièsile! O rei está presente, estou vendo o rei,...

Èşù foi minha primeira paixão, entretanto Şángò provocou-me admiração, respeito e esperança.

Şángò, princípio civilizatório, estruturador político. Rei, guerreiro e justiceiro, capaz de eliminar o mentiroso. Presentifica-se no trovão, como remete seu Oríkì Olufirán, aquele que espalha forte quentura, como veremos.

Èşù é o principio dinâmico, entretanto Şángò é o principio civilizatório. Şángò é um òrìşà vivo, quente.

Şángò é Olufirán, o-ni-irán, textualmente ele é ou possui irán, aquele que é Senhor da quentura, que incendeia.

Princípio civilizatório carrega consigo tudo o que inclui o devir da humanidade. Impulso violento e destrutivo, guerras, mas também criatividade, sociabilidade e justiça. Şángò é fundamentalmente justiceiro, tem horror a mentira. Sua violência não tem medida. É trovão com o qual destrói e arremessa suas ẹdùn-àrá, pedra do raio, que se enterram ao pé da árvore àyọn', seu habitat, de cuja madeira são elaboradas seus emblemas e seus altares, pilões, verdadeiras obras de arte, assim como também seu mais conhecido emblema o ọşé Şángò, sobre os quais voltaremos.

índice TEMÁTICO

01 PÁG. 18 **JUANA E DIDI – TRAVEI CONHECIMENTO**
UNIVERSALIDADE DO EXISTIR


02 PÁG. 24 **ÀŞÈŞÈ**
RESSURGÊNCIA

03 PÁG. 26 **DEDICATÓRIA E HOMENAGEM**
LUCIDEZ E MEMÓRIA
PERFIL DE UMA EXISTÊNCIA

04 PÁG. 30 **LINHA DO TEMPO**

- a) CONTINUIDADE: PRINCÍPIOS INAUGURAIS
ÀŞÈ E ARKHÉ: CONTINUIDADE ATEMPORAL
- b) ORALIDADE: TRANSMISSÃO ORAL
- c) LINGUAGEM
- d) ORÍKÌ
- e) PANTEON NÁGÒ

PÁG. 44 **ŞÁNGÒ**
HERÓI MÍTICO E DINÁSTICO



JUANA E DIDI –
TRAVEI CONHECIMENTO
UNIVERSALIDADE
DO EXISTIR

Na procura de minhas origens e de minha diversidade, filha de pai social-anarquista e mãe judia, descendente de gerações de cohanins, rabinos e de jasidens, que buscam através do jejum, introjetar sua comunhão com *Ela*, a entidade suprema do judaísmo profundo.

Buscar talvez a minha própria essência judaica não através da continuidade litúrgica ou religiosa, mas, na procura de uma continuidade, de um DNA étnico-histórico, de uma maneira peculiar de relacionar-me com o universo. Foi nesta busca através da ancestralidade, morte e ressurgência que cheguei a **Didi**.

Foi através de **Didi** que travei conhecimento com a cultura africana, Mestre **Didi Aşípa**, o **Aláàpin'ni**, Sumo Sacerdote do culto aos ancestrais, medularmente identificado com suas origens transatlânticas

Através destes escritos procuro alcançar e divulgar a sabedoria vivenciada, nunca verbalizada, pelo paradigmático Mestre **Didi Aşıpa**, meu esposo e companheiro. Espero, ao mesmo tempo, dar continuidade aos princípios que alicerçam minhas percepções e meu agnosticismo.

Estes textos foram elaborados em diversos períodos de minha longa existência, sem serem atualizados. É possível que os conceitos emergentes de algum deles, não contem hoje com minha aprovação em toda sua extensão.

Não obstante, constituem uma linha de tempo, que permite acompanhar uma trajetória da qual emerge uma continuidade, um processo dinâmico a partir de elaborações inaugurais.

Este devir intelectual permeado de profundas emoções, não teria acontecido sem meu encontro e posterior cumplicidade com **Didi**, Mestre **Didi Aşıpa**, Deoscoredes Maximiliano dos Santos, meu esposo, meu companheiro, cuja universalidade e nobreza me ancoraram para sempre na vontade de existir.



ÀŞÈŞÈ:
ANCESTRALIDADE,
MORTE,
RESSURGÊNCIA

Para encontrar as minhas origens, perdidas em uma vala comum em algum remoto rincão da Pomerânia procurei alguém que pudesse comunicar-se com os ancestrais para, talvez, recuperar os meus.

Foi através da morte, fonte essencial de minhas indagações, que cheguei a **Didi**, Deoscoredes Maximiliano dos Santos, **Aláàpin'ni ìpékun oyè**, interlocutor supremo entre os vivos e os mortos.³

³ *Sumo sacerdote do culto aos ancestrais, o mais graduado dos oje, sacerdotes iniciados que lidam com os ancestrais Egúngún e a morte.*

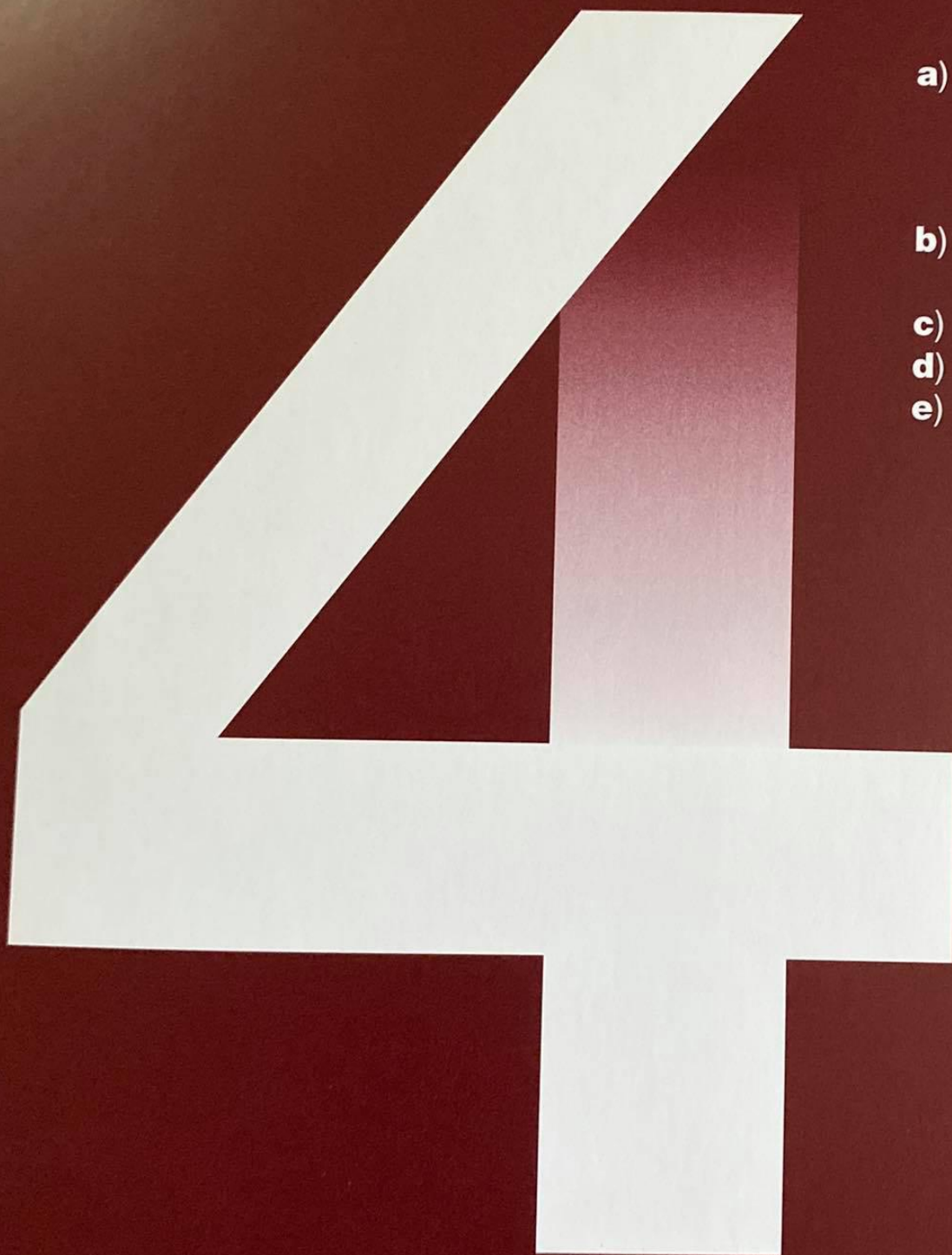
**DEDICATÓRIA
E HOMENAGEM
PERFIL DE UMA
EXISTÊNCIA**



Didi, viverás em
mim enquanto
lucidez e memória
me habitem.







LINHA DO TEMPO

- a) CONTINUIDADE:**
PRINCÍPIOS INAUGURAIS
ÀŞÈ E ARKHÉ:
CONTINUIDADE ATEMPORAL
- b) ORALIDADE:**
TRANSMISSÃO ORAL
- c) LINGUAGEM**
- d) ORÍKÌ**
- e) PANTEÃO NÁGÒ**

a) Continuidade: princípios inaugurais

Àșè e Arkhé: continuidade atemporal

Não posso discorrer sobre Şángò, herói mítico e dinástico inserido no panteão Nágò, sem nos aprofundarmos nos princípios inaugurais, na transmissão oral, na continuidade dotada de Àșè, que por sua vez me conduz a tratar da Arkhé, conforme abordarei adiante.

Àșè

Duas pessoas ao menos são indispensáveis para que haja a transmissão iniciática. O àșè se continua, passa diretamente de um ser ao outro, não por explicação ou raciocínio lógico, num nível consciente e intelectual, mas dando continuidade a um processo inaugural. A transmissão complementa-se através de emblemas, gestos, palavras proferidas, distância de pessoa a pessoa, da respiração e o hálito que dão vida e atingem os planos mais profundos da transferência. A palavra proferida ultrapassa seu conteúdo semântico para ser veículo condutor de àșè, isto é, condutor de um poder de realização. A **palavra proferida** faz parte de um processo dinâmico, que transmite um poder de realização. Àșè: que isto advenha!

O pronunciamento verbal está impregnado de àșè, a palavra pronunciada veicula existência, carregando àșè presentifica o nomeado.

Arkhé

A arkhé, imprime sentido e força, direção e presença à linguagem. A noção da arkhé reúne numa unidade indiscernível o sentido do princípio-começo-origem e o de princípio-poder-condutor. O sentido da arkhé não deve ser entendido apenas como algo que aponta a anterioridade e a antiguidade. O conceito de arkhé, remete a um princípio inaugural, que se continua atemporalmente.

A arkhé se projeta na energia mítica que, articulando em um todo os inúmeros componentes mutáveis do cotidiano, os direciona e os refere a valores incondicionais, transcendentais. Esses valores processam na continuidade a linguagem Nágò. Nesse sentido a arkhé se constitui em princípio propulsor do eǵbé.

b) Oralidade: transmissão oral

A transmissão oral remete ao princípio inaugural de um processo dinâmico que continua impregnando gestos, expressões, distância corporal. Proferir uma palavra, ainda acompanhada de gestos apropriados dinamiza a transmissão de àṣẹ̀.

A oralidade emerge da estrutura dinâmica Nágò. O àṣẹ̀ recorre a um meio de transferência que se realiza constantemente. Cada palavra proferida é única. Nasce, preenche sua função e desaparece. A estrutura semântica se renova, cada repetição constitui uma resultante única. A expressão oral renasce constantemente; no nível social, porque a palavra é proferida para ser ouvida, ela emana de uma pessoa para atingir uma ou muitas outras; comunica de boca a orelha, de uma geração à outra, transmite o àṣẹ̀ que se continua desde princípios inaugurais.

Som: a palavra é interação dinâmica no nível individual porque expressa e exterioriza um processo de síntese no qual intervêm todos os elementos que constituem o indivíduo. A palavra é importante na medida em que é **pronunciada**, em que é som. A emissão do som é o ponto culminante do processo de transmissão. O som implica sempre numa presença que se expressa e procura atingir um interlocutor. A individualização da entidade não é completa, durante o processo de iniciação da noviça, até acontecer um dos ritos de fundamento, o de "abrir a fala", que consiste em colocar um àṣẹ̀ especial na boca e sobre a língua da iyàwó, que permitirá a voz do Òrixà se manifestar durante a possessão. O òrixà emitirá um grito ou um som particular que o caracterizará, conhecido sobre o nome de ké.

"Abrir a fala" concretiza a transmissão do àṣẹ̀. O ké é uma de suas presentificações mais expressivas. Vários odù testemunham a complexidade que envolve a manifestação do som: o ké resulta de um processo que, como dissera, presentifica a transmissão do àṣẹ̀.

O som é condutor de àṣẹ̀, e conseqüentemente atuante, aparece com todo o seu conteúdo expressivo nos instrumentos rituais: tambores, agogo, ṣẹ̀kẹ̀rẹ̀, ṣẹ̀rẹ̀, kala-kolo, àjà, ṣaworo etc. É evidente que todos esses instrumentos

são preparados através da transmissão de àṣẹ apropriado. Serão manipuladas por pessoas que foram por sua vez, preparadas, os alabe, os olú-bàtá, que constituem o grupo de tocadores do ẹgbé.

Os sons produzidos pelos instrumentos agem sós ou em conjunção com outros elementos rituais. Constituem formidáveis invocadores das entidades. São eficazes indutores de ação, promovendo a comunicação entre o àiyé e o ọrun, (àyé = àiyé).

Difícilmente podemos deixar de assinalar um som muito particular proveniente da interação da palma da mão direita batendo o punho esquerdo. Num contexto apropriado e produzido por um iniciado de grau elevado, ele invoca a presença dos ancestrais do terreiro e de todas as entidades cultuadas.

Toda formulação de som nasce como uma síntese, como um terceiro elemento provocado pela interação ativa de dois elementos: a mão ou a baqueta percutindo no couro do tambor, a vareta batendo no corpo do agogo, o pêndulo batendo no interior da campainha àjà, a palma batendo no punho.

O som é o resultado de uma estrutura dinâmica, em que a aparição do terceiro termo origina movimento. Em todo o sistema, o numero **três** está associado à continuação dinâmica.

A palavra é atuante, porque é condutora do poder do àṣẹ. A fórmula apropriada, pronunciada num momento preciso, induz à ação. A invocação se apoia nesse poder dinâmico do som; os textos rituais estão investidos desse poder dinâmico.

Recitados, cantados, acompanhados ou não de instrumentos musicais, eles transmitem um poder de ação, mobilizam a atividade ritual. O oral está a serviço da transmissão dinâmica. Há textos apropriados para cada circunstância ritual. Um vasto conjunto de textos é transmitido de maneira iniciática. Entre eles se incluem a transmissão apropriada de invocações, cantigas, longas séries de textos, odù e lendas. O conjunto desses textos contribui para dar continuidade e expressar o conhecimento universal, cósmico e teológico dos Nágò.

c) Linguagem

A linguagem da comunidade-terreiro Nágò é um discurso sobre a ancestralidade atemporal contendo todos os entes e acontecimentos passados e presentes, o conjunto inexprimível de teofanias evocadoras e continuadoras de princípios inaugurais.

O conhecimento que reinstaura a semântica do àṣẹ não é armazenado, congelado, em escritos e arquivos. É permanentemente revivido e continuado, através do devir grupal. É uma sabedoria iniciática.

Nas comunidades-terreiro Nágò, o discurso se realiza fundamentalmente pelo devir do ẹgbé. A linguagem se veicula pela atividade individual e grupal, pelo conjunto de cerimônias e ritos públicos e privados. Dança, ritmo, cor, objeto, conta, gesto, folha, penteado, som e texto se articulam para significar a continuidade inaugural.

Cânticos, invocações, louvações, recitados, textos míticos e oraculares, histórias, parábolas e sons são instrumentos de comunicação que, através de sua forma significante, processam a complexa continuidade, em cujo bojo o princípio inaugural se realiza.

No decorrer de um almoço que nos foi oferecido na Universidade de Lagos, em resposta as saudações dos professores, Didi, Aláàpin'ni Aṣípa, agradeceu a homenagem na nossa herdada língua Nágò. A surpresa foi emocionante quando o ilustre linguista Babalola exclamou que Didi estava recitando em yorùbá profundo, em ejinlẹ, de raiz, lẹ, da terra.

A linguagem reflete não apenas a entidade histórico-cultural no nível de apreensão racional, mas reflete fundamentalmente a continuidade do ẹgbé. Sua essência arcaica, princípio inaugural e construtivo, constitui sua natureza e seu sentido.

d) Oríkì

Oríkì: Nome atributivo, palavra, frase ou poema, que repito, chamei janela aberta à ancestralidade inaugural.

O estilo originariamente de tradição oral, o saber milenar Nágò africano, foi trazido para o mundo da escrita. Saber transatlântico intensamente poderoso e atuante. O estilo se aproxima mais a uma narrativa oral que a uma narrativa escrita. O Oríkì transmite a pertinência dos ensinamentos e valores da gnose Nágò-africana.

Vários autores solidários à autora do presente ensaio, pelo falecimento do Aláàpin'ni Mestre Didi Aşípa, seu esposo e companheiro, se manifestaram através de textos e de Oríkì. Destacamos, particularmente a homenagem do eminente Prof. Wande Abimbola e ainda do escritor e intelectual Olabiyi Yai, durante anos presidente do Conselho Consultivo da Unesco, no qual relaciona toda a ascendência do Mestre no estilo tradicional Nágò, remontando à mais antiga ancestral conhecida do Mestre Didi Aşípa, a Ìyá-nàsó, fundadora da linhagem kétu-nágò no Brasil. Ainda estimo destacar as palavras e o Oríkì de Felix Omidire, apresentados em seguida.

O professor Wande Abimbola,⁴ linguista, professor da religião e da língua iorubana, especialista nos textos oraculares de Ifá, professor da Cadeira de Religião na Universidade de Boston, nos Estados Unidos, reitor da Universidade Ifé na Nigéria, conferencista e escritor, descendente de importante ancestralidade familiar é Wáàsí Ifá, o mais alto grau do sacerdócio de Ifá, referindo-se a importância de dar continuidade à ancestralidade recitou o seguinte Oríkì:

⁴ ABIMBOLA, Wande. *Mestre Didi, Alapini, e o futuro da civilização afro-atlântica.*

Traduzido da versão em inglês por Daniela Gomes. In:

SANTOS, Juana Elbein dos (Org.). Criatividade, âmago das diversidades culturais: a estética do sagrado. Salvador: SECNEB, 2010. p. 151-153.

Salute to Egungun

Héè, héè, baba o, baba o!
 Héè, héè, yeyé o, yeyé o!
 Héè, héè, baba o, baba o!
 Héè, héè, yeyé o, yeyé o!
 Bí morí bàbá,
 Òrán mi a dà bí oyin.
 Bí mo rí yeye,
 Òrán mi a dà bí oyin.
 Alápalà, omo asúsúmosa
 Jàn án n gbóngbó
 Kó tóó bèrè
 Kó tóo wo búkà
 Jàn án gbóngbó
 Àwon omo ta niwònyí
 A ò mò wón
 Igbà o mò ón jó
 Kó o jó o
 Kó bí ení kó
 Kó bí ení kobè
 Ró bí ení ro
 Ró bí ení roko
 Wà á lówà modò
 Òrò à àwámodò
 Jó bí agbégi
 Jó bí agbégi jó
 Igbà ti ìwó mò ón jó o
 E e è é tè tè nde
 E e è é tè tè nde o
 Jó báti batí,
 O gbònà àbàtà
 E e è é tè tè nde
 E e è é tè tè nde o
 Irinwonwowù, mó mò wo lù mi.
 E gbágan,
 Ferere gbónwù ferere
 E gbémi,
 Ferere gbónwú ferere

Salve o Egungun

Héè, héè, Salvamos nosso pai, salvamos nosso pai!
Héè, héè, Salvamos nossa mãe, salvamos nossa mãe!
Se eu visse o nosso pai,
Todos os meus problemas seriam tão doces quanto o mel.
Se eu visse nossa mãe,
Todos os meus problemas seriam tão doces quanto o mel.
Alápalà, filho de Asúsúmosa,
Bate nele forte com sua clava
Antes que ele se abaixe,
Antes que ele entre num lugarejo para comer,
Bate nele forte com sua clava.
De quem são estas crianças?
Nós não as conhecemos.
Quando você souber como dançar...
Por que você não levantou cedo e começou a dançar?
Dance como alguém capinando uma fazenda
Atraia para perto de você
Isso é um assunto para ser trazido para perto de si.
Quando você sabia como dançar,
Por que você não levantou cedo...
Por que você não levantou a tempo (para dançar).
Dance como um amador.
Vá em direção ao pântano
Por que você não levantou cedo?
Por que você não levantou cedo (e dançou)?
Irinwonwowù, não lance seu ferro pesado sobre mim.
Todos, ajudem-me a carregar Àgan.
Apesar de ele ser leve como algodão,
Todos, carreguem-me.
Para que eu possa ser leve como algodão.

OMIDIRE – 06 OCT 2013 ÀS 15:32 H – CARTA E ORÍKÍ
LE 6 OCT. 2013 À 15:32, fomidire@yahoo.fra écrit:

Dear All,

It is with a heavy heart that we receive the passing away of Baba Deoscoredes Maximiliano dos Santos, popularly known as Mestre Didi Alapini. We were just planning a Seminar in honor of his 96th Birthday that would have come up on 9th December.

Brazil has just lost the last of its direct Ketu-African descendants and the greatest guardian of the Yoruba collective memory in the last one and a half centuries.

Mestre Didi Alapini has gone to join the ancestors! May Ogun free his path of unworthy debris! May the Egungun whose mantle he bore with commensurate dignity as Alapini for more than 50 years admit him into the place of honor he truly deserves.

Ha! Erin wo! Erin mawo o! Mestre Didi Alapini, omo Maè Se-
nhora lo nile yi igi da!
Ka too r'erin o digbo,
Ka too r'efon o dodan,
Ka too tun reeyan alawo dudu bii ti Mestri Didi laarin awon iran
eniyan dudu ni Latin America, o dorun alakeji.
Mestre Didi, boo dele o kile o,
Boo dona o beere ona,
Ma jokun, ma jekolo o, omo Asipa nilee Ketu, ohun tiwon ba
nje lajule orun nii koo bawon je.

We wish to extend our most sincere condolence to his indefatigable wife and companion, Iya Juanita Elefunde (Dr. Juana Elbein dos Santos), his daughter Inacyra Falcão and all his filhos e filhas do Santo in Ile Aşipa as well as the entire Candomble (Egungun and Orisa) communities of Itaparica, Salvador, Bahia and Brazil as a whole. Ojo a jinna sira o. Aşe.

Felix Ayoh'Omidire -
Professor Doutor de
Línguas, Culturas e
Literaturas Franco-Luso-
Afro-Brasileiras na
Obaferú Awolowo
University, em Ilé-Ifé,
Nigéria; Mestre em
Literatura Comparada;
Especialista em
Português, Língua
Estrangeira, pela
Universidade do Porto;
Doutor em Estudos
Literários.

Olabiyi Babalola yai
 (Omo Oṣoosi) **M. Olabiyi**
B. Joseph YAI, Benin,
 linguista, ex-embaxador
 do Benin para a UNESCO,
 ex-presidente do Conselho
 Executivo da UNESCO.
 (Membros do Comitê
 Científico do Nono Volume
 da Coleção da UNESCO
 História Geral da África
 (HGA) UNESCO / Salvador
 (Brasil), 21 - 24 novembro
 2013). Disponível
 em: <<http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD>>

ÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉ

ERIN WO
 BÀBA DIDI RELÉ
 ERIN MÀ WO O
 ÀJÀNÀKU SÙN BI OKÈ
 DIDI IWO NI MO N KÉ SI
 GBÉRA NILÈ O DIDE
 ALAPINI ILÈ BÀSII
 DIDI, OMO OSUNMUYIWA
 OMO ASIPA BOROGUN ELÉSÈ KAN GONGO
 KÉTU NILÉ
 KOSIKU NILÉ
 DIDI OMO OSUNMUYIWA
 OKO JUANITA OKIN LOBINRIN
 BABA YARA
 BABA SANGOTOKUNBO
 GBOGBO OMO YORÙBA O
 NILÉ LOKO LOKÈ OKUN
 E KU ÀFÉKÙ
 E KU IROJU E SI KU ÈYÀ
 ALAPINI LO
 ASOGBÀ LO
 OPALABA OTI ÈÈBO FO
 ONIGBANSO KO RI I SO
 GBOGBO ADULAWO BÀSII
 JÀFOJO YIN LO
 SÙGBON E MA FOYÀ
 BABA KU
 BABA KÙ
 GBOGBO ARA KÉTU NILÉ LOKO
 OFO LO SARA IYOKÙ
 A MENI OHUN SE
 ALAPINI
 Ó DÀRINNÀKO O DOJU ÀLA
 BO O BA DORUN O SORUNUNRE
 BA MI KI IYANASO
 BA MI KI IYA MI OBATOSI
 BA MI KI OMONIKÈ
 BA MI KI BAMGBOSE OBITIKO
 BA MI KI IYÀ MI OBABIYI
 BA MI KI OSUNMUYIWA
 BA MI KI SÀNGO, EWÉLERÈ OKO OYA

orin: ARA KÉTU EEEEEEE
 E FARA YIN MORA
 ARA KÉTU EEEE
 E FARA YIN MORA...

A referência a Mestre Didi Aláàpin'ni se impõe porque ele é um Aşıpa, como revela seu oríkì:

Aşıpa, borògún, ẹleşẹ kan gó-n-gó – Oba Tosi

Aşıpa, borògún, ẹleşẹ kan gó-n-gó

Aşıpa é tão sutil, que anda com as duas pernas como se fosse uma.

Oba Tosi, na passagem transatlântica, continua a linhagem de Şángò. Continua-se por sua vez com a sacerdotisa Omonike, com Bamgboşe Obitiko e Iya Obabiyi que instaura a linhagem Osun Muiwa progenitora do Aláàpin'ni Omo Şángò, tal como refere Olabiyi Yai no oríkì com que vários autores se manifestaram pelo falecimento do Aláàpin'ni Mestre Didi Aşıpa.⁵

A correlação de Şángò com Mestre Didi emerge pela razão de que Mestre Didi é um Aşıpa, Mestre Didi Aşıpa, da linhagem dos Aşıpa, como nos esclarece este significativo oríkì, no dizer da autora — janela à ancestralidade inaugural — que revela a profunda associação Aşıpa/Şángò.

Este longo poema homenageia e desenvolve toda a ascendência histórico-mística dessa relação entre os Aşıpa e Şángò.

O oríkì ao discorrer sobre essa relação revela fundamentalmente o devir histórico de Şángò.

⁵ Vide p. 37

Emi ki é

Emi kì é

Emi kì é ìyá mi ọmọ ọwọ dó mi

Ìyá mi Aşípa, kékeré ọmọ Àfọnjá, ọpé longwé pará
pongwelé

Aşésé labatá adá maroro ayò ọrun ojú Ọbá

Ọgún kojé ewé gbèmi Ọbá ejé jọ ewé orò

Ìyá mi, Ìyá mi ọmọ baguidá ọmọ ida nu

On silè àbé şirè, àbé şin ta ku rò, ọkú!

Oni àbí Ọgá

Oni àbí Ọgá, ọmọ Ọgá só ni gbè wê, ọkú!

Ọkú majélé kan tẹsẹ pépẹiyẹ tẹsẹ adię tò

Tò onişabé Opará o ni rè şè ọmọ nirá,

Ọmọ nirá alabatá bé ọpó,

Ọpó majélé kan téné jè bi okalè

Oni àbí Ọgá

Oni àbí Ọgá, ọmọ Ọgá só ni gbè wè, ọkú!

Ọkú Ọgá batá jóko soni gbè wè

Ọku Ọgá batá ọmọ mi lóko olóiyè

Aiyé Ọrun

Ọpó di Ọpó Ọlọrun ka ri ọmọ tọbá

Ọbá ewé re, ewé re e re e,

Ewé re lojú ọfá [bis]

Emi kì e

Emi kì e Làgbà ọtún Làgbà osi

Ìyámasè Malè, Ọron'yàn a lókò

Oríkì mi

Oríkì mi bá aşó ejé

Airá Igbóná Okónrin ọrun,

Àkaka masi, agbeni bi adan, Óbitikò, Opáşoro.

Ọbá ewé re, ewé re o re o,

Ewé re lojú ọfá [bis]

Ọbá oluroko [bis]

Ìyámase kowá. Airá ọjé
 Àfọnjá Ọpó ma jé lé kan
 Ará loko l'aya, Tobi fo Ọrìṣà
 T'Ọbaṣòrun ará Ọbá Ọjé [bis]
 Ọbá káwó
 Ọbá káowó kàbièsi-le
 Kamu Okun éṣin kole, Ọbá kawó kábièsi-le
 Ọbá morelé nanā bi òké
 Kamu Okun éṣin kole, Ọbá kawó kábièsi-le
 Ọbá morelé nanā bi òké.⁶

É complexo traduzir *ipsis litteris* os poemas que compõem os oríkì Nágò. Tentarei, no possível, resumir as ideias, repetindo que considero os oríkì janelas abertas à ancestralidade inaugural. No particular, homenagear a relação Aṣípa com Şángò,

Ìyá mi Aṣípa ọmọ Àfọnjá.

Minha mãe Aṣípa, filha (descendente) de Şángò Àfọnjá

Presta homenagem aos dignitários:

Oni àbí ògá ati Olóiyè

Aos senhores e possuidores de altos títulos

Àjà l'aiye Àjà l'ọ̀run

neste mundo e no além.

Presta homenagem à constelação genealógica de Şángò:

à Ìyámase, a Ọran'yòn, à Airá.

Airá Ìgbóná Okúnrin ọ̀run

Airá, ardente varão do além

Também especial honraria à

Ọbaṣòrun ara Ọbá Ọjé

Ọbaṣòrun, soberano rei dos ọ̀jé

Terminando com o notório

Ọbá Kawò Kábièsilé⁷

Ọbá morelé nana bi òkè!

⁶ Assinado: Deoscoredes M. dos Santos. Cópia de Mestre Didi Aṣípa. Aláàpin'ni.

Caberá a um linguista competente em yorùbá ejinlẹ [lẹ de raiz, de terra] ortografar corretamente este longo oríkì

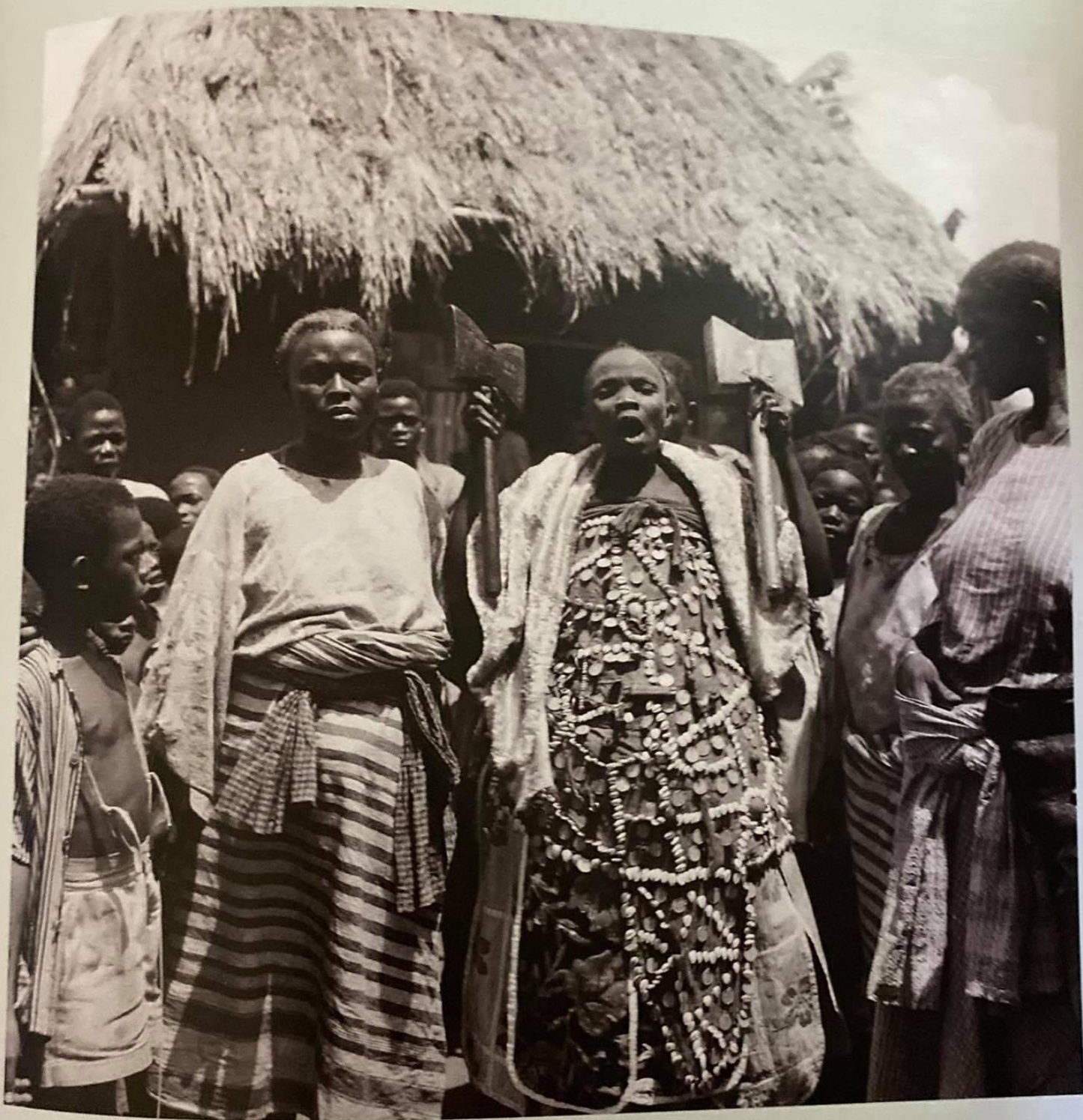
⁷ Modo aglutinado

e) Panteão Nágò

Por diversas razões a tradição que se conhece no Brasil com o nome genérico de Nágò se expandiu e continua nas diversas manifestações transatlânticas. A continuidade Nágò remonta suas origens às regiões que correspondem hoje ao Sudoeste e centro da Nigéria e ao Sul e centro da República de Benin (ex-Daomé). Compreende etnias conhecidas como Éyò, Égbá, Égbádò, Ìjèsá, Ìjèbú, Kétu, Sábé, e Ànàgó. Incorpora traços dos Fon, Àdjá, Huedá, Jègùn, Mahí e outros conhecidos no Brasil com o nome genérico de Jeje. Tal como na África, a visão de mundo, a *wel-tanshau-uung*, impregnou todas as atividades dos Nágò processando o seu viver cotidiano, o sentido profundo de comunalidade, dando continuidade ao mais específico de suas raízes de origem.

Particularmente na Bahia o espaço geográfico da África genitora e seus conteúdos materiais e espirituais foram continuando-se em bem organizadas associações, os *ẹgbé*, as comunidades-terreiro, que continuam o culto à tradição dos *òrìṣà* e a dos ancestrais ilustres, os *egún*. A ancestralidade, condutora de continuidade institucional, processou o estabelecimento das comunidades. Os terreiros ou *ẹgbé* foram, e continuam sendo, centros continuadores civilizatórios irradiando um complexo processo transatlântico do qual *Ṣángò* emerge como poderoso executor.







Şángò

Herói mítico e dinástico

Oríkì Şángò

Aláàfin omonlá
ìkú bàbá yèyé
aláàşe èkejì òrìşà

Literalmente:

- Aláàfin: O-ni-áàfin: aquele que é, que possui o palácio. Título do rei de Òyó.
- omonlá: filho de eminente honra.
- ìkú bàbá yèyé: é morte, pai e mainha.
- aláàşe èkejì òrìşà: é o segundo, o seguinte a possuir àşe depois do Òrìşà.

Ká wó ká biyè sile!

Não poderia discorrer sobre Xàngó sem homenageá-lo;

⁸ *Modo aglutinante*

Ká wó ká biyè sile!⁸

⁹ *Modo interpretativo*

Ki awa wó ká biyè sile!⁹

Ọbá kawó

Ọba kawó kábièsilé

Kámú Okun ẹşin kole, Ọba kawó kábièsilé!

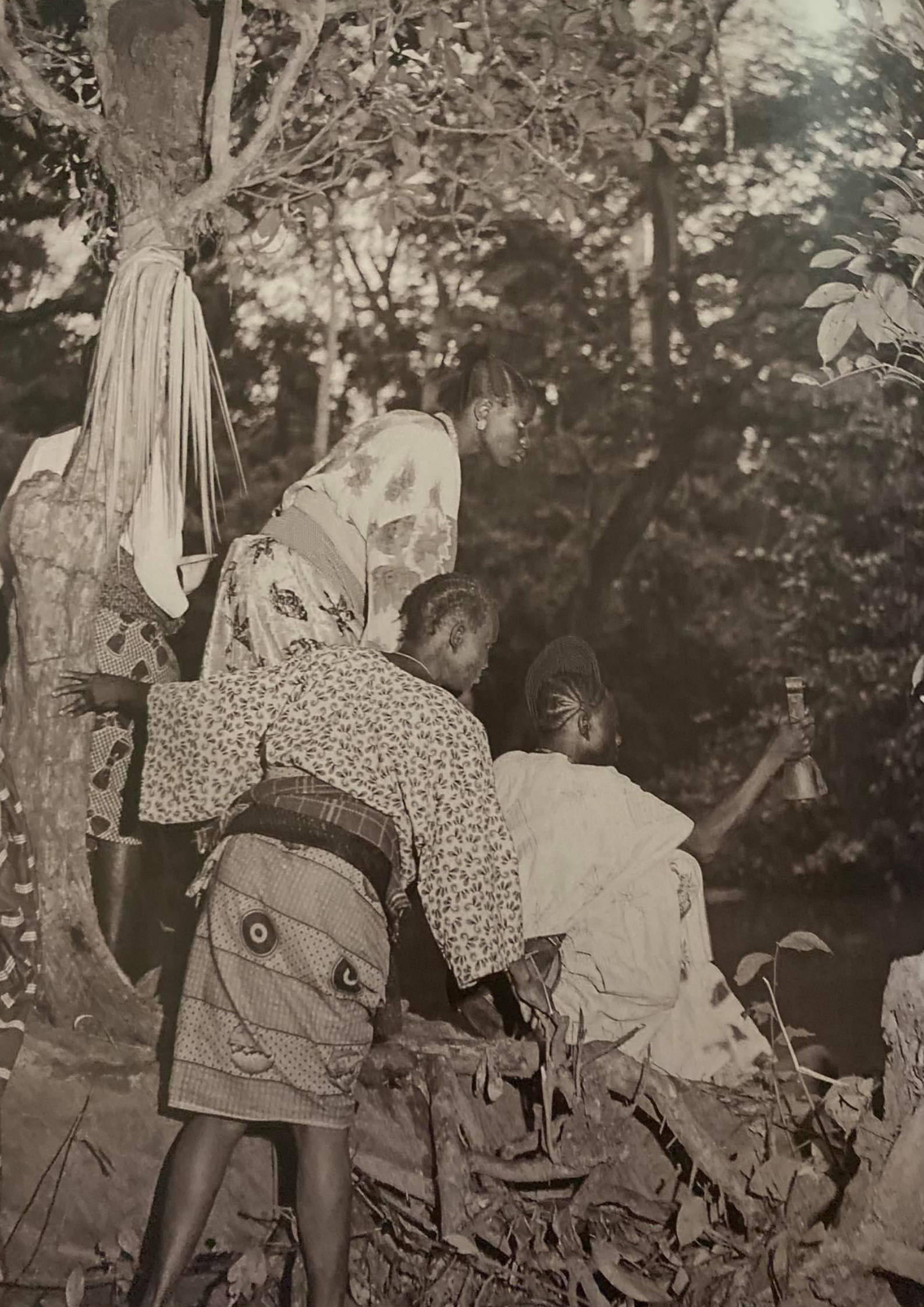
Ọba morele nana bi òkè

Kámú Okun ẹşin kole, Ọba kawó kábièsilé!

Ọba morele nana bi òkè

Aşpa, borògún, eleşe kan gó-n-gó

Assim também não poderia discorrer sobre Sangó
sem homenagear a linhagem dos Aşpa



Os textos que remetem a Şángò são o resultado de longos anos de pesquisa, de interpretação epistemológica, de convivência iniciática, de um processo de transmissão dinâmica no seio da comunidade terreiro, no eḡbé, tanto l'ẹ̀sẹ̀ òrìṣà como l'ẹ̀sẹ̀ egún.¹⁰

Particularmente evidenciam o meu longo aprendizado com Didi, Mestre Didi Aşıpa medularmente identificado com Şángò, a quem prestamos a seguinte homenagem:

Ọba òkè o dá (bis)

Mo rí o

Órí ọmọde kan, aigba!

Mo rí ojé, jé ó o!

O Rei imponente que se gera,

Estou vendo,

Cabeça de todos os filhos, aigba!

Estou vendo, ele está, ele está!

O verbo *dá*, de difícil tradução, carrega o significado de “estar sendo criado”. Portanto:

o rei que se gera, que está se criando, estou vendo!

A utilização de *dá*, por exemplo, “*dá ifá* ou *adáfá*”: Ifá se cria, se presentifica no instante que aparecem os desenhos formados pelas sementes ou búzios que explicitam os signos dos odú, indicadores ou caminhos, que compõem o oráculo Ifá.

A referência a Mestre Didi se impõe porque é um Aşıpa, da linhagem dos Aşıpa como nos informa seu oríkì:

Aşıpa, borògún, ẹ̀lẹ̀şẹ̀ kan gó-n-gó, Ọba Tosi¹¹

Aşıpa é tão sutil, que anda com as duas pernas como se fosse uma, descendente de Ọba Tosi.

A correlação de Şángò com Mestre Didi, emerge pela razão de que Mestre Didi é um Aşıpa, Mestre Didi Aşıpa, da linhagem dos Aşıpa, como nos esclarece esse significativo oríkì – conforme a autora: janela à ancestralidade inaugural – que revela a relação Aşıpa/Şángò.¹²

¹⁰ As expressões l'ẹ̀sẹ̀ òrìṣà e l'ẹ̀sẹ̀ egún podem ser traduzidas como: nos pés de òrìṣà (SANTOS, D. 1962, p. 25) nos pés de egún ou do lado de òrìṣà, do lado de egún, seguidores de egún, seguidores de òrìṣà.

¹¹ Vide p.38

¹² Iyá mi Aşıpa Kékeré Omo Àfọnjá. *Minha mãe Aşıpa descendente de Şángò* Àfọnjá. p. 42

Şángò, sua devoção perpassa toda a África Central, África Ocidental, se estende transatlânticamente por toda a América Latina e Caribenha e se epitomiza no Brasil, na Bahia.

Essa continuidade transatlântica culminando com a sua presença através da escultura Cetro da Ancestralidade – Ọpá Baba n'Láàwa. Não por acaso obra do sumo sacerdote de cultos ancestrais o Aláàpin'ni Olúkòtun. O Cetro se encontra na enseada da Paciência, no Rio Vermelho em Salvador, lugar escolhido pelo próprio autor, por ter sido antigo território ocupado por africanos.

Segundo a tradição, uma baleia orientaria os pescadores sobre o lugar adequado para a pesca, com a condição de que a primeira baleia fosse poupada.

Um velho pescador, cabeça dos pescadores, recomendou aos mesmos que não arpoassem a primeira baleia que aparecesse. Mas com a dificuldade de aparecer baleias e desconsiderando a recomendação, quando uma baleia apareceu foi arpoada. Quando os pescadores foram pegar a baleia ela havia desaparecido. Perplexos com o acontecimento foram assessorar-se com o velho pescador. Ao vê-lo em seu leito notaram um arpão cravado em seu peito.

A África Ocidental e seus conteúdos foram transferidos para as comunidades-terreiros da Bahia, como se toda África fosse condensada e continuada em Salvador, recriadas linhagens e hierarquias e nos egbé, transmitidas de geração a geração. O nome genérico de Nágò foi expandido a todas as comunidades-terreiro que continuam a tradição do antigo reino de Kétu. Como já dissera, o termo yorùbá era desconhecido e só chegou a Bahia através do primeiro dicionário de R. C. Abraham.¹³

¹³ R C Abraham, Dictionary of modern Yoruba. London: University of London Press, 1958.

Ka wò ká biyè sile!

A saudação, quando proferida, presentifica Şángò, o herói mítico, o rei dinástico. Rei do antigo povo Èyò, sua presença e seu culto remetem e permeiam toda a África Central e Ocidental e se expande transatlânticamente pela América Latina e Caribenha, especialmente no Brasil, na Bahia, onde é considerado ojíşé, protetor ou ministro representante de Ọlórún.

Şángò, eminente continuador dinástico, enquanto majestade — genealogicamente considerado o 4º rei da dinastia —, Şángò é descendente de Ọran'yàn, o Ọbáşorun, primeiro ministro do antigo Ọyó Mési, o conselho político do Rei, com poderes inclusive para destituir um Ọba.

O culto de Şángò se estendeu a partir de Ọyó, a capital do antigo território de Sábé, e deslocou-se para o Sul, pressionado pela invasão dos fúlàni, onde se encontra nos dias atuais, e ficou sendo a capital onde está constituída a residência política e cultural de vasto território.

O culto de Şángò se expandiu a territórios diversos onde ele recebeu diferentes nomes: Dongo e outros 12 nomes como são conhecidos também na passagem transatlântica. Na Bahia diz-se que há 12 Şángò: Dadá, Ọbalubé, Ogòdò, Ọba Kossò, Jàkúta, Aganjú, Baru, Ọran'yàn, Airá Intilé, Airá Igbóná e Airá Ajaosì.

No palácio, ààfin, encontram-se muitas esculturas de Şángò a cavalo, sendo o cavalo conhecido então como símbolo de poder tanto nas esculturas quanto nas cantigas em que é homenageado e saudado recriando uma historicidade hierárquica de Şángò.

Uma das cantigas na *Roda de Şángò* sob a qual voltarei oportunamente, canta-se que Şángò galopa, dando patadas: A tabi ešin! como um cavalo!

Şángò é princípio inaugural, continuador e estruturador de transformação e renascimento. Mobiliza a continuidade das dinastias e das linhagens.

LE STRAUSS, Claude. O cozido, *Mithologiques* n.º 15, Paris: Plon, 1964.

Relacionado com quentura seu oríkì Olufirán, o-ni-irán, destaca que Şángò é aquele que espalha quentura, é princípio civilizatório, que transforma “o cru em cozido”.¹⁴

Şángò mobiliza a continuidade dinástica. Sendo seu mais antigo predecessor Odùdùwá, patrono inaugural do povo Nágò, engloba todas as etnias já mencionadas.

As diversas denominações com que é identificado no seu transcurso, fazem referência também aos diversos aspectos que contribuem a constituir as múltiplas ações de seu poder.

Em algumas versões, é considerado o executor do poder do próprio Ọlórún, entidade suprema que recebe, acumula e distribui o àşè, poder que faz que tudo aconteça ao nível cósmico, grupal e individual.

Ka wò ká biyè sile!

Nomear Şángò remete ao mesmo tempo: a presentificar uma entidade histórica — considerado o quarto rei de Ọyó; guerreiro conquistador de um vasto império; uma entidade dinástica, continuando-se de geração em geração; uma entidade mítica consagrado em difundido culto através de seus seguidores, depois de haver sumido, quando de acordo a vários mitos, desapareceu ao pé da árvore àyán, seu habitat. Um de seus oríkí, nome atributivo, denega a versão de que se pendurou

ọba kò so

O rei não se enforcou

Em Kosò foi erguido um templo consagrado a Şángò onde devem ser consagrados todos os Aláàfin, soberanos do povo Nágò, com assento em Òyó, capital do vasto império expandido por Şángò.

Conta um odú que Şángò estava ao pé de um àyán e enfureceu-se, acabando com o àyán, seu palácio, suas terras, seus súditos, e começou a se espalhar que Şángò havia se enforcado – oḃa so.

Seus súditos contestavam esta versão dizendo oḃa ko so; o rei não se enforcou, mas havia desaparecido como um trovão, trovão que lança as pedras de raio aos pés do àyán, seu habitat.

Şángò como entidade dinástica, símbolo de realeza, símbolo político, continuidade africana transatlântica, se constitui em elemento de coesão grupal, de pacto semântico e de estruturação institucional.

Şángò possui propósito e poder de realização. A constelação familiar mítica de Şángò é composta por sua mãe Yemanja, água, e pelo seu genitor masculino Òşàlà, ar. Seu ancestral imediato é Óran'yàn, herói fundador do povo Nágò que instaura a linhagem dinástica da realeza.

A quentura aparece assim como um resultado da interação do elemento água e ar, constituindo-se num elemento dinâmico associado à quentura e por extensão associado ao vermelho escuro, da cor do sangue pisado. Nesse contexto, o vermelho escuro simboliza um poder de realização, àşè de realização, que circula, que dá vida.

Şángò se presentifica pelo trovão. O aspecto de interação aparece outra vez aqui, estando esse significado sublinhado pelo fato de que dessa interação, água mais quentura, se desprende um corpo, edùn-àrá, pedra do raio. Os edùn-àrá são machados de pedras desenterrados, lançados por Şángò.

Os Oşé-Şángò, inspirados nessas pedras, são machados de dois gumes, poder de Şángò de desprender um corpo edùn-àrá e são os mais poderosos transmissores de àşè do quente, aquele que assegura vida e reprodução.

¹⁵ CABRERA, Lydia. *El Monte: igbo finda, ewe orisha, vititi nfinda. Notas sobre las religiones, la magia, las supersticiones y el folklore de los negros criollos y el pueblo de Cuba. 7. ed. Miami: Ediciones Universal, 1992. 564 p. mais iconografia (26 p.) e índices (24 p.) não numeradas. (Colección del chucherekú)*

¹⁶ “Não menina, şangò não teme nada, ele não foge dos mortos”. *Em uma linguagem tão pitoresca e confusa tratando do assunto outro velho disse-me que şangò “não gutta juego com o esqueleto frio, porque tá tão vivo e quente, ta buriri, transbordante de vida, daí entendo que o que ele quer ressaltar é uma incompatibilidade essencial do deus com a morte - o esqueleto frio. Incompatibilidade, medo nunca”.*

Şángò presentifica dinastia, uma corrente de vida ininterrupta, expressa pela função de Aláàfin epítome do poder absoluto de realeza.

Isto faz com que apesar de Şángò resumir em si a herança, a imagem coletiva dos ancestrais — expressa pela sua parte do branco, de árvore e de madeira — presentifica fundamentalmente o poder de realização expresso por sua parte de quentura e de trovão. Se pela sua matéria de origem ancestral e pelo seu aspecto exterior, ele lembra um ancestral Egún — um odù a que vamos nos referir adiante, conta que egún roubou suas roupas —, Şángò assegura a vida no àiyé, este mundo, os contínuos nascimentos.

Ele é vivo, quente, afasta-se da morte e dos mortos. Şángò retira-se da cabeça de seus sacerdotes quando estão prestes a morrer. Şángò não permanece onde há mortos.

Lydia Cabrera,¹⁵ intrigada com esse aspecto de Şángò, perguntou a seus informantes “porque ele tem medo dos mortos”. Todos os informantes, unanimemente responderam que não é uma questão de medo.

“No niña, Changó no le teme a nada. No le huye a los muertos”. Y en su lenguaje tan pitoresco y confuso, tratando sobre este tema, outro viejo me disse que Changó “no gutta juego con la queleto frio é tá tó vivo y caliente, tá buriri”. reboante de vida. De porque ahi entendo que lo que quiere señalarme es una incompatibilidad esencial del dios con la muerte, — la queleto frio. Incompatibilidad: miedo, nunca”.¹⁶

Incompatibilidade que resulta do fato pertencerem ambos a categorias diferentes, sendo o assento de Şángò absolutamente diferente do de egún.

Conforme um conhecido odù, Şángò briga com “o morte” Ikú porque ele roubou suas roupas e aparece paramentado com elas quando se apresenta através dos Egún, os ancestrais masculinos, suas roupas são semelhantes às do próprio Şángò. Uma cantiga ilustra. Esta cantiga fala do aspecto das roupas e da impossibilidade de se conhecer a morte.

1. Gégé orò,ò ò
2. Aşo larí, larí,
3. Larí larí
4. Gégé orò,ò ò
5. Aşo lemón
6. N'komò Baba

1. Conforme os ritos
2. Tiras de pano é o que vemos
3. Só tiras de pano
4. Conforme os ritos
5. Abundantes tiras de pano
6. Nós não sabemos, Pai.

Da morte Ikú e da ancestralidade, egún, só visualizamos as vestes.

¹⁷ *Pássaro peitoral de ouro. Inscrições anotadas no desenho: pode ser em forma de papagaio. Textualmente: Peitoral de oro hallado em la marquesa (Popayán). Ofebrerías de los Quimbaya - Colombia.*

Emblemas

OŞÉ: É também chamado de kó-n-dóo; um dos emblemas de Şángò, o mais importante e conhecido, presentifica seu poder. Os mais tradicionais são feitos de madeira da árvore àyán, seu habitat. Todos têm a forma do machado de duas lâminas associado aos chifres, emblema que se continua através dos tempos, em diversas visões de mundo. Conforme ilustra a figura.¹⁷

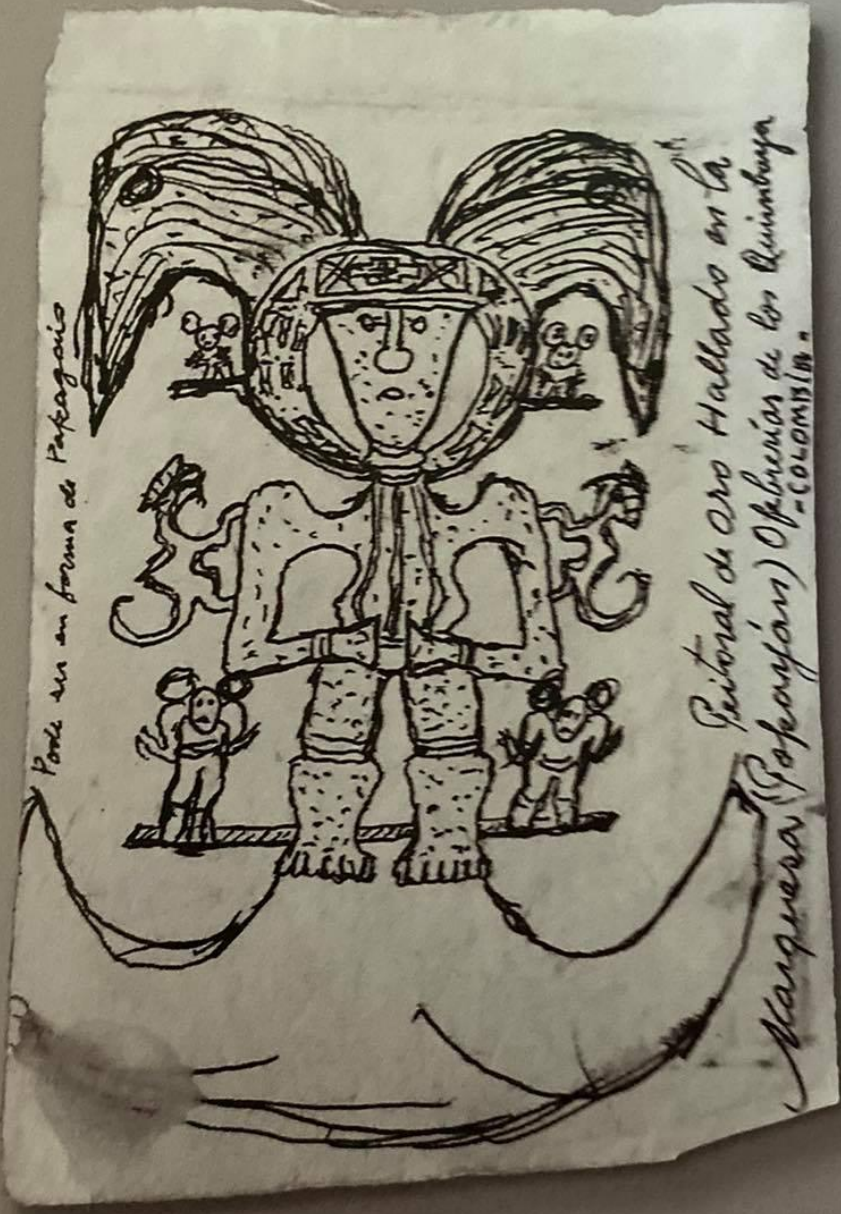
Oşé Şángò remete às pedras de raio, edùn-àrá, que Şángò, corporificando-se como trovão, arremessa para a Terra, ao pé do àyán, seu habitat. Os edùn-àrá são pedras neolíticas em forma de machado que caem junto com os raios e ficam enterrados na terra.

Com o oşé, Şángò tanto pode exercer justiça, e Şángò é fundamentalmente ligado à justiça, quanto pode exercer violência. Ele é justiceiro e absolutamente inimigo dos mentirosos. A morte pelo raio é considerada ultrajante.

ŞERÉÉ: o şeréé Şángò é feito de uma cabaça do pescoço comprido, que percutida só ou junto com os atabaques, anuncia Şángò, quando se executam os toques apropriados.

GAMELA: feita de madeira da árvore àyán e nela Şángò é servido. Ele não utiliza utensílios feitos de cerâmica ou metal.

LÀBÁ: é uma bolsa grande, de couro trabalhado com recortes alegóricos, cuja parte de trás se dobra sobre a frente, fechando-a. No làbá se guardam objetos sagrados de Şángò, que só os iniciados podem tocar. Tive privilegio de junto com Didi colocar a mão dentro do làbá. A sensação que tive foi como se tivéssemos consumado novamente o sentimento que nos unia como casal. Também nesta oportunidade fiquei convencida de que nesta significativa vivência, nossa diferença de origem não tinha a menor importância. Enquanto o şeréé do mogbá invocava a presença de Şángò, senti que entre nós, não havia espaço para a diversidade de origem. Eu, nesta situação de vivência profunda celebrava uma diversidade criativa.



KUMÓN: é um porrete com uma cabeça na extremidade superior.

BATÁ: é o nome do atabaque utilizado na África para o culto de Şángò. Na Bahia ele não é conhecido, mas o nome batá é dado a um ritmo. O toque característico para Şángò é o alujá.

ODÓ: pilão em madeira que às vezes, recebe assentamento de Şángò, que podem ser verdadeiras obras de arte.

CORES: o vermelho escuro e o branco são as cores que representam Şángò; o vermelho bem escuro, da cor do sangue pisado. O vermelho escuro remete à sua relação com o quente ou quentura, e neste sentido está expresso no oríkì Olufirán – senhor de extrema quentura.

ABALA: constitui-se de um agrupamento circular de abundantes tiras de panos multicoloridas caindo e ocultando totalmente o Egún. Enquanto na veste de Şángò, o abala se constitui de uma espécie de saieta de tiras multicoloridas caindo por baixo dos braços ou a partir da cintura até metade das pernas.

BANTÉ: Tanto Şángò como Egún, levam na frente o banté, uma espécie de avental, profusamente decorado com bordados de búzios e contas. É uma peça fundamental, porque seus bordados revelam os Odù, signos e caminhos de Ifá, que identificam o Şángò que está presente.

Na África tanto Şángò quanto Egún usam abala e banté. Na Bahia só os Egún usam o banté, todos os demais emblemas são idênticos lá e aqui e conhecidos pelos mesmos nomes.

ADÓ: pequena cabaça que se usa para guardar preparados medicinais ou de uso ritual.

IGBÁ ÌWÀ: cabaça contendo medicinas ou preparados personalizados, usada principalmente por dignitários.

As esposas de Şángò

Três são as esposas de Şángò nominalmente conhecidas Òba, Òşun, Òya.

ÒBA é mais anciã das três esposas, miticamente conhecida como Òba-ẹ̀lẹ̀ko. É patrona de um antigo culto secreto para quem se canta:

Òba-ẹ̀lẹ̀ko
Àja Òsié
Òba-ẹ̀lẹ̀ko

Dança-se em círculo e quando se pronuncia o lado Òsié levanta-se a perna esquerda.

ÒŞUN – Como as outras esposas de Şángò está relacionada com um rio. Este rio atravessa a província de Ibadan. Ela é cultuada em Oshogbo. É considerada uma das mais anciãs do panteão da água, é mãe de Yemanjá. É cultuada na porcelana contendo uma considerável quantidade de pedrinhas. Todos os emblemas são de amarelo ouro ou de cobre. Sua cor é amarelo gema de ovo. É protetora do ventre das mulheres e da própria gestação. Patrona da gravidez e dos nascimentos. O ovo é usado em vários rituais relacionados com progênie.

É uma poderosa Iyáàmi, mãe ancestral, uma de nossas Iyáami-àgbá, as mães ancestrais. É extremamente obstinada. Um odù nos informa que, reunida com os 16 participantes que compõem o oráculo de Ifá encabeçados por Òrun'milá, teima em querer participar de todos os rituais, conhecer todos os segredos. Não foi atendida. Frente à sua insistência que não deixaria acontecer nada que os odù previam, ainda assim não foi atendida. Òrun'milá lhe explica que ela poderia ser representada por alguém, segundo nos relatam resumidamente os caminhos do odù Òşẹ̀ Tùwá. Com a finalidade de que Òşun desse em nascimento um filho varão, Òrun'milá reunindo-se com todos os demais odù, abençoaram-na e no nono dia, convocados por Òşun mostrou a criança e viram que era um menino varão. Todos carregaram a criança e abençoaram-na e, conforme o odù, justamente, chamaria-se À-S-E-T-Ù-W-Á, que foi com o poder do àşẹ̀ que colocaram nela,

que forçou essa criança vir ao mundo. Assim chamaram ela de Àṣẹ̀tùwá. A criança que permitiu o nascimento foram os odù Òṣe e Òtuà. Assim a criança participou do grupo dos outros odù, a ponto de ir com eles a todos os lugares. A própria Òṣun deu a essa criança um nome nesse dia. Ela disse: “Osò a gerou” (significando que a criança era filho do poder mágico); porque ela mesma era um ajé, e a criança que ela gerou é um filho homem. Disse ela: “Akin Oṣò”, Akin Oṣò: poderoso mago; homem bravo dotado de um grande poder sobrenatural. Eis o que a criança será! Assim Òṣẹ̀ Tùwá se constituiu no décimo-sétimo membro que compulsoriamente deve acompanhar todos os odù para que as coisas possam acontecer. Finalmente aconteceu, sobreveio uma seca na terra. Para reverter a situação uma oferenda deveria ser realizada de maneira que pudesse ser aceita por Olódùmaré. A destruição parecia inevitável. Só se realizasse uma oferenda que pudesse chegar e ser aceita. Foi assim, que o décimo-sétimo Òṣẹ̀ Tùwá consultando Ifá, preparou a oferenda que só Òṣẹ̀ Tùwá conseguiu que fosse aceita na porta de Òrun. Preparou a seguinte oferenda: uma cabra, uma ovelha, um cachorro, uma galinha, um pombo, uma preá, um peixe, um touro selvagem, um pássaro da floresta, um pássaro da savana, um animal doméstico, um ser humano, acompanhando dezesseis pequenas quartinhas cheias de dendê, ovos de galinha e dezesseis pedaços de pano branco. Preparou a oferenda usando apropriadas folhas de Ifá. Todas as entidades que compõem o oráculo de Ifá não conseguiram abrir as portas para entregar a oferenda. Assim, decidiram que o décimo-sétimo entre eles deveria experimentar seu poder. O varão que representaria Òṣun em todos os rituais, òṣẹ̀ tùwá, que conseguiu que as oferendas fossem aceitas após consultar e obedecer às recomendações determinadas por Ifá.

Òṣun se presentifica através de vários emblemas considerados como enfeites, mas que em realidade se relacionam com seus atributos. Um dos mais conhecidos é o abẹ̀bẹ̀, leque de Òṣun, que pode ser de ráfia ou de metal amarelo ou cobre. Alguns abẹ̀bẹ̀, deslocamento de ventre materno, podem conter no meio um passarinho progênie. Com o abẹ̀bẹ̀, Òṣun exerce seus poderes. Também gosta de enfeitar-se com braceletes e pulseiras de cobre e metal amarelo ouro.

A destacar o pente de Òṣun com o qual também realiza seus rituais. Durante as cerimônias Òṣun dança principalmente no ritmo Ijeṣá e abaixada, às vezes, realizando o ritual de estar tomando banho.

ÒYA: é a patrona dos raios, das tempestades, do vento, guerreira, a companheira de luta com Ṣángò dorso a dorso. Quando manifestada range e emite gritos, movimentando os braços e às vezes abaixando-se até o chão.

Òya Balẹ̀: a rainha dos ancestrais Egún. Um odù relata que ela não conseguia ter filhos como mulher de Ògun. Consultando Ifá foi informada que engravidaria se alguém a tomasse a força; assim percorreu os nove Òrun obtendo a mesma recomendação, pois seus filhos nasciam mudos. Quando Ṣángò violentou ela, no nono Òrun, seus filhos, ancestrais masculinos Egún, dos quais ela é a rainha, falavam com voz não natural com timbre agudo e fino.

Rainha dos ancestrais masculinos, é a única entidade que pode entrar no Ìgbàlẹ̀ onde são cultuados os Egún, os ancestrais e, em determinadas circunstâncias, até dançar com eles. Interessante destacar que Ṣángò está associado ao elemento água não só por ser filho de Yẹmanja, mas porque suas esposas são todas patronas de rios.

Şángò e as Ìyá-mi

Şángò tem uma relação muito ambivalente com as mães ancestrais as Ìyá-mi-àgba. Conforme um odù elas vieram ao àiyé, este mundo, em forma de pássaros.

Umhas pousaram na árvore do bem e outras pousaram na árvore do mal e uma voa de uma árvore para outra, demonstrando a capacidade da ambivalência de suas ações.

Um odù relata que as Ìyá-mi cobriram-se com as roupas dos Egún para assustar Şángò, mas ele as enfrentou, provocando a ira das mesmas.

Vingativas decidiram roubar a filha preferida de Şángò Adubáàyani:ni. Şángò decidiu consultar e foi aconselhado a fazer oferendas as Ìyá. De fato elas devolveram a filha e Şángò decidiu eliminá-las de seu sacerdócio. Até hoje as mulheres estão excluídas de todas as celebrações iniciáticas, sendo o culto de Şángò voltado totalmente para dar continuidade ao princípio de virilidade.

Os iniciados, os Oni Şángò, são exclusivamente masculinos. Apesar de Şángò ter o domínio dos ancestrais masculinos, ele representa a continuidade da existência.

Oferendas para Şángò

Àgbò, carneiro é sua oferenda preferida sendo acompanhado prioritariamente por galos de cristas bem vermelhas. Outra de suas oferendas preferidas é o Amalá. Amalá é o iyàm, um pirão feito com farinha de iyàm, inhame.

O amalá às vezes é acompanhado por um ensopado de go-m-bó ou ilá, ensopado de quiabo chamado também de iròkò. Também pode ser acompanhado para dividir no eḡbé com şín-şín da carne do àgbò, do qual já foram separadas diversas partes que compõem as oferendas não só para Şángò como para diversas entidades.

Orógbó, além de oferenda, se usa para fazer todas as consultas a Şángò. Dependendo da posição dos dois cotilédones faz-se a leitura.

A relação de orógbó com Şángò aparece em vários cânticos. A exemplo de:

- | | |
|------------------------------|--|
| 1. Ojú orógbó | 1. Semblante de orógbó (eufemismo de Şángò) |
| 2. Ojú orógbó | 2. Semblante de orógbó |
| 3. Àjàláiyè Àjàlọ́rún o! | 3. No espaço do mundo como no espaço do além |
| 4. Ojú orógbó | 4. Semblante de orógbó |
| 5. Ọmọ bíbi o ie ie | 5. Filho nobre o ie ie |
| 6. Ọmọ bíbi | 6. Filho nobre |
| 7. Ọmọ bíbi o ie ie Ọmọ bíbi | 7. Filho nobre ie ie, Filho nobre |
| 8. Àjàláiyè Àjàlọ́rún o | 8. No espaço do mundo como no espaço do além |
| 9. Ọmọ bíbi | 9. Filho nobre |

Ẹbọ

O ẹbọ é uma oferenda que se realiza por diversas motivações. Pode ser feita por um indivíduo ou por uma comunidade, ẹgbé. Na maioria das vezes tem o sentido de reparação.

O ẹbọ ìràpadà é uma oferenda a ser transferida da pessoa de uma linhagem ou de uma comunidade — seja animal ou amalá, ou mesmo obi, orógbó — ocupando o lugar de quem está oferecendo. O alto iniciado tritura ataré, pimenta-da-costa, mascando-a, e sopra no ouvido do que vai ser oferecido, transmitindo o recado que transportará.

Noutras ocasiões, o orógbó se toca na cabeça de quem oferece para depois continuar o ritual de oferenda à entidade. A resposta virá através da posição dos cotilédones que interrogados repetidas vezes orientarão ao ofertante os caminhos que deverá executar a fim de que a oferenda cumpra todo seu ciclo.

Um ẹbọ muito especial, o àgbé so, feito para eliminar os inimigos do ofertante; consiste em atirar a oferenda sobre outro sacerdote e vice versa.

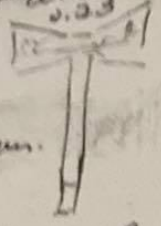
Sacerdócio

A mais alta sacerdotisa entre as mulheres é Ìyá dagan; também no Brasil temos Ìyá dagan e outros títulos correspondentes às mulheres do palácio na África, mas não com as mesmas funções.

Na África, o sacerdote de mais alto título é Ọbáşọrun. Primeiro ministro do rei, preside o Ọyọ̀ m̀ìsì, o Conselho do Estado.

Sango... 33
Loro - Festival Sango.
24-2-67. Perto de...
(apudo).

Sango manifi. llevata el oje
suro de madero, otro de
metal amarillo. Peinado
característico



llevata enfundada
en el, en la parte de atrás,
adornos de metal pareciedo
ose pequeños.

Por encima de una especie
de enagua con bordes pendu-
rados de monedas en 2
filas, llevata una saca-
ta de abalao, de tiras de
pau = a. Egun - sabete cutu.
saliente de la cintura

en lugar de...
también...
de veludo bordada.
Un fante que...
de los brazos, se...
espalda donde solo llega
hasta la cintura. Forro...
y los lados llega hasta la
misma altura que los...
de gata, un poco debajo
la mitad de la pierna.

El fante (nombre dado a...
no preguntado...
bordan todo trabajado con
luzos y monedas. Tiene la
la frente, a la derecha
poco y debajo del busto un
redondel de luzos...
donde salían pendurados
filas de cuentas.

también... 34

La frente con osun.
Danza acompañado por 2
Qui Sango - Tambores Bata.
Ni-pun Dunderu.
Grupos de diversos olorisa
Visitando.

En medio del espacio...
la ceremonia transcurre...
colocado al parecer...
emborcada y cubierta con un
pañu. Sango se para...
una desde donde...
gutos. Ose o! Ose o!

Şángò, constelação familiar

Como já dissera Şángò é ojíşé, o ministro, o executor que impulsiona a continuidade do poder de Ọlórún.

Yẹmanja é a mãe de Şángò.

Yèyè ọmọ ẹja, mainha dos filhos peixes.

Um tradicional Oríkì, como já fora definido, “poema voltado à ancestralidade inaugural”, informa sobre a trajetória transatlântica de Şángò:

AŞÍPA ATI ŞÁNGÒ

- | | | |
|-----|----------------------------|---|
| I- | 01. ÌYÁ O BOGUNDÉ | 01. A guerra trouxe a mãe, |
| | 02. ỌMỌ ŞÁNGÒ O BOGUNDÉ | 02. Filha de Şángò que chegou com a guerra, |
| | 03. E MA BÈRU JÁ | 03. Mas não teme a guerra. |
| | 04. ÌYÁ OSÁ O | 04. A mãe perdeu o medo |
| | 05. ENI MA BÈ ÒRÌŞÀ | 05. Roguemos aos Ọrìşà |
| | 06. ÀIYÉ B'ÒDE | 06. Para que a alegria se expanda no mundo |
| II- | 01. ÌYÁ ÌYÁ O | 01. Oh mãe, mãe |
| | 02. MONI ẸBỌ | 02. Afirmo tua existência! |
| | 03. KEBO KETO! | 03. Boa saúde e longa vida! |
| | 04. ÌYÁ ÌYÁ O | 04. Oh mãe, mãe |
| | 05. BORÍ ÀLÀ | 05. Cabeça que nos cobre |
| | 06. KETO BABÁ | 06. Com coisas boas. |
| | 07. DÚGBÉ DÚGBÉ ALADO FIRÓ | 07. Assim Şángò immortaliza o relâmpago no ar |
| | 08. ÌYÁ ỌPÉ L'AIYÉ | 08. Mãe, estaremos sempre gratos ao mundo por Vossa existência. |
| | 09. ÌYÁ ỌPÉ L'AIYÉ | 09. Mãe, estaremos sempre gratos ao mundo por Vossa existência. |
| | 10. ẸGBÓMI ŞE BỌ | 10. A minha mãe anciã fez o sacrifício por todos nós. |
| | 11. ÌYÁ ỌPÉ L'AIYÉ | 11. Mãe estaremos sempre gratos ao mundo por Vossa existência. |

- III -** 01. ỌMỌ ÌYÁ LAGBELE
 02. ỌMỌ ÌYÁ LAGBELE
 03. ỌMỌ JỌ ÌYÁ O
 04. ONI E E ỌMỌ ÀFỌNJÁ
 05. AWA DÉ!

- IV -** 01. ERO E DÁ LO EYN O
 02. ỌMỌ EYN L'AIYÉ
 03. ERO E DÁ LO EYN O
 04. EWRE
 05. EWA ON TÒLÒ MO MI ŞE

- V -** 01. ỌMỌ ÌYÁ DÉ A OSE NI AIMO
 02. ỌMỌ ÌYÁ DÉ A OSE NI AIMO
 03. AWA OSIE NI AIMO
 04. AWA OSIE NI AIMO
 05. ỌMỌ ÌYÁ DÉ A OSE NI AIMO

- VI -** 01. AWA DÉ TÉRE TÉRE
 02. AWA DÉ T'AIYÒ T'AIYÒ
 03. LE SÍ EMI ỌMỌ ALÁGOGO
 04. ỌBA ÀLAPA NI KÁ BORI
 05. BỌRỌ MÚĘKÚN O SEKE
 06. ĘKÚN OLE ĘKÚN AJE
 07. EHIN E GANGAN
 08. A DÉ O!

01. Filho descendente de mãe poderosa
 02. Filho descendente de mãe poderosa
 03. O filho é a imagem (continuação) da mãe poderosa
 04. Somos os filhos descendentes de Şángò
 05. Aqui estamos!

01. A morte vos traga paz,
 02. O filho é a continuação dos pais na vida
 03. A morte vos traga paz.
 04. Nos abençoe.
 05. Venham ver o que os filhos fazem por ela!

01. Os filhos descendente da mãe poderosa estão aqui!
 02. Os filhos descendente da mãe poderosa estão aqui!
 03. Eles são bem conhecidos por todos,
 04. Eles são bem conhecidos por todos,
 05. Os filhos descendente da mãe poderosa estão aqui!

01. Chegamos e estamos aqui.
 02. Chegamos com muita alegria
 03. Somos adoradores e filhos de Şángò
 04. Poderoso Rei onipotente
 05. A pantera não pode ser facilmente caçada
 06. Ela pode também comer
 07. Ela tem poderosos dentes,
 08. Chegamos e aqui estamos

VII -01. KÒSÌ AWA FARA E AWA RE!

02. KÒSÌ AWA FARA E AWA RE!

03. AWA KASA I FARA E LA I BÈ SI BỌ

04. IDÁN TOBA FARA EMO A LO LÓ DÁN

05. KÒSÌ AWA FA E AWA RE!

06. KÒSÌ AWA FARA ÈNIAN

07. ÀBÁ WARE KÒSÌ AWA FARA

01. ÌYÁ, ÌYÁ MI L'AWARE

02. ÌYÁ MI TOROŞE

03. ÌYÁ, IYA MI L'AWARE

01. Não há no mundo o que possa contra nós, aqui estamos

02. Não há no mundo o que possa contra nós, aqui estamos

03. Nunca deixaremos de ofertar e rogar em nossos altares por nossa gente

04. Podem usar o poder que quiserem.

05. Não há nada no mundo

06. Pessoa nenhuma pode fazer nada de mal contra nós.

07. Todos unidos num mesmo corpo, não há nada no mundo do que possa contra nós.

01. Mãe dos tempos inaugurais

02. Minha mãe está realizando ritual

03. Mãe dos tempos inaugurais

Yemanja é esposa de Óran'yàn que foi Aláàfin de Ifé. Óran'yàn foi também Aláàfin fundador de Òyó, terra dos Èyò, futura capital do império Òyó e teve 3 filhos com Yemanja, Dàda, Şapòn:nan e Şángò.

Foi Aláàfin de Ile Ifé onde se encontra o Opo Óran'yàn e também a Idá Óran'yàn, espada que deve ser sustentada na mão quando o futuro Aláàfin prestar juramento.

Şángò é considerado o irmão mais novo de Obaluaye – uma qualidade de Şapòn:nan. Muitos de seus altares se encontram juntos, sendo o único capaz de acalmar e controlar Şángò.

Şapòn:nan é a mais poderosa entidade do panteão da terra. Ele é ìgbóná, patrono da varíola que expande, castiga ou cura com seu şàşàrà - vassoura ritual feita com feixes dos ponteiros da palma, através dos quais os ancestrais se presentificam.

Na continuidade transatlântica, após as saudações a Şángò, se entoa o seguinte cântico que nos informa sobre a constelação familiar de Şángò:

- | | |
|------------------------------------|---|
| 1. Oba oluroko | 1. Rei das planícies |
| 2. Oba oluroko | 2. Rei das planícies |
| 3. Ìyámase Báàyan:nì kowa Airá ójè | 3. Ìyámase Báàyan:nì. Airá ójè |
| 4. Àfọnjá opó majelekan | 4. Àfọnjá, cetro majelekan |
| 5. Tobí fo lará | 5. Rei que nos corporifica |
| 6. Tobí fo òrìsà | 6. Rei de todos os òrìsà |
| 7. Tobaşórun ara oþa òjè | 7. Tobaşórun corporifica todos os òjè |
| 8. Tobaşórun ara oþa òjè | 8. Òjè, iniciados nos cultos ancestrais |

Roda de Şángò

O devir familiar de Şángò é reconstituído no Brasil através de um ritual denominado *Roda de Şángò*. É uma recriação histórico-mítica da linhagem, a partir da mais antiga ancestral feminina, Àdùfé, até chegar a Ọrán'yàn, filho de Odùdùwá, o ancestral inaugural da linhagem de Şángò.

Cantigas da Roda de Şángò

Anotadas e traduzidas por Mestre Didi Aşipá

- | | |
|-----------------------------|--|
| 01 S Àdùfẹ̀ ò lyá wá dọ̀dẹ̀ | Àdùfẹ̀, nossa mãe veio |
| 02 Àdùfẹ̀ ó | Muito querida (por todo o mundo) |
| 03 lyá wá dọ̀dẹ̀ | Nossa mãe veio |
| 04 C Àdùfẹ̀ ò lyá wá dọ̀dẹ̀ | Àdùfẹ̀, nossa mãe veio |
| 05 Àdùfẹ̀ ò | Àdùfẹ̀ |
| 06 S Dàda ma sọkún ma | Dàda, não chore |
| 07 Dàda ma sọkún ma | Dàda, não chore |
| 08 Èrò isalẹ̀ ninbọ̀ lẹrun | Os passageiros debaixo da terra se encontram |
| 09 Dàda fun mi lówó | Dàda, me traz dinheiro |
| 10 Ka si ma rí | Que nós nos reencontremos |
| 11 C Dàda ma sọkún ma | Dàda, não chore |
| 12 Dàda ma sọkún ma | Dàda, não chore |
| 13 Èrò isalẹ̀ ninbọ̀ lẹrun | Os passageiros debaixo da terra se encontram |

Dàda fun mi l'owò
Ka si ma rí

S Bári gidigidi
Bári ọlá
Bári owó
Bári ọlá

C Bári gidigidi
Bári ọlá

S Ata bi ẹşin
Nibo ọ tire látìgbà
Ata bi ẹşin
Nibo ọ tire látìgbà
Ope l'oto de

S Eiruwo kùmọ̀n gbongbo
Aláàfin ọ̀ Ọ̀rìşà
Aláàdo kùmọ̀n gbongbo
La o filù èkè pá

C Ajá nbẹ̀kùn gbelè

S Ko imọ̀ ko imọ̀
Ajá nbẹ̀kùn gbelè
Ko i mọ̀ pe ikú pá ni je

Dàda, me traz dinheiro
Que nós nos reencontremos

Que nós nos reencontremos muito
Que nós nos reencontremos com honra
Que nós nos reencontremos com dinheiro
Que nós nos reencontremos com honra

Que nós nos reencontremos muito
Que nós nos reencontremos com honra

Dando coices como um cavalo
Você partiu faz tempo
Dando coices como um cavalo
Você partiu faz tempo
Demorou até chegar (tardou muito, demorou até chegar)

Eiruwo cacete grosso
Aláàfin contém Ọ̀rìşà
Aláàdo tem cacete grosso
Golpeia e mata mentiroso

Cachorro fica em casa quando leopardo está solto

Ele conhece, ele conhece
Cachorro fica em casa
Ele conhece que ele – leopardo – mata e come.

Şángò é baluarte e esperança; está nos altares, nos peji, nos odù, nas danças, cantos e invocações. Está no âmago, na emoção do consciente e do inconsciente do ẹgbé, na continuidade atemporal da comunalidade, na poética essência do povo.

Na palavra de um alto iniciado, não por acaso sacerdote supremo do Culto aos Ancestrais, o Aláàpin'ni Aşípa Olúkòtun, “nossa história somos nós mesmos, transmitindo-a a nossos filhos e eles a seus filhos e estes a seus filhos. Enquanto houver viva uma só pessoa de meu povo, o fogo de Şángò será inextinguível”.

Para quem é testemunha e participante privilegiada, escrever sobre Şángò não é apenas um exercício acadêmico. É acreditar na utopia de que o ser humano é viável.

DESTA PRIMEIRA EDIÇÃO DE **ŞÁNGÒ** FORAM IMPRESSOS 1.500 EXEMPLARES PELA GRÁFICA SANTA MARTA (JOÃO PESSOA/PB), IMPRESSOS EM PAPEL COUCHÉ 150G/M², A CAPA, E 115G/M², O MIOLO. TIPOLOGIA: HELVETICA NEUE LT STD, EQUITY, CLARENDON LT STD, SALVADOR, JANEIRO DE 2016.

CORRUPPIO EDIÇÕES E PROMOÇÕES CULTURAIS LTDA.
RUA AIROSA GALVÃO, 106, CJ. 102 – BARRA – SALVADOR/BA BRASIL. CEP: 40140-180
Tel. 55 71 3235.7558 Fax 55 71 3245.1833 www.editoracorrupio.com.br corrupio@hotmail.com

